

BR.TBES.C.577

13

## TEATRO

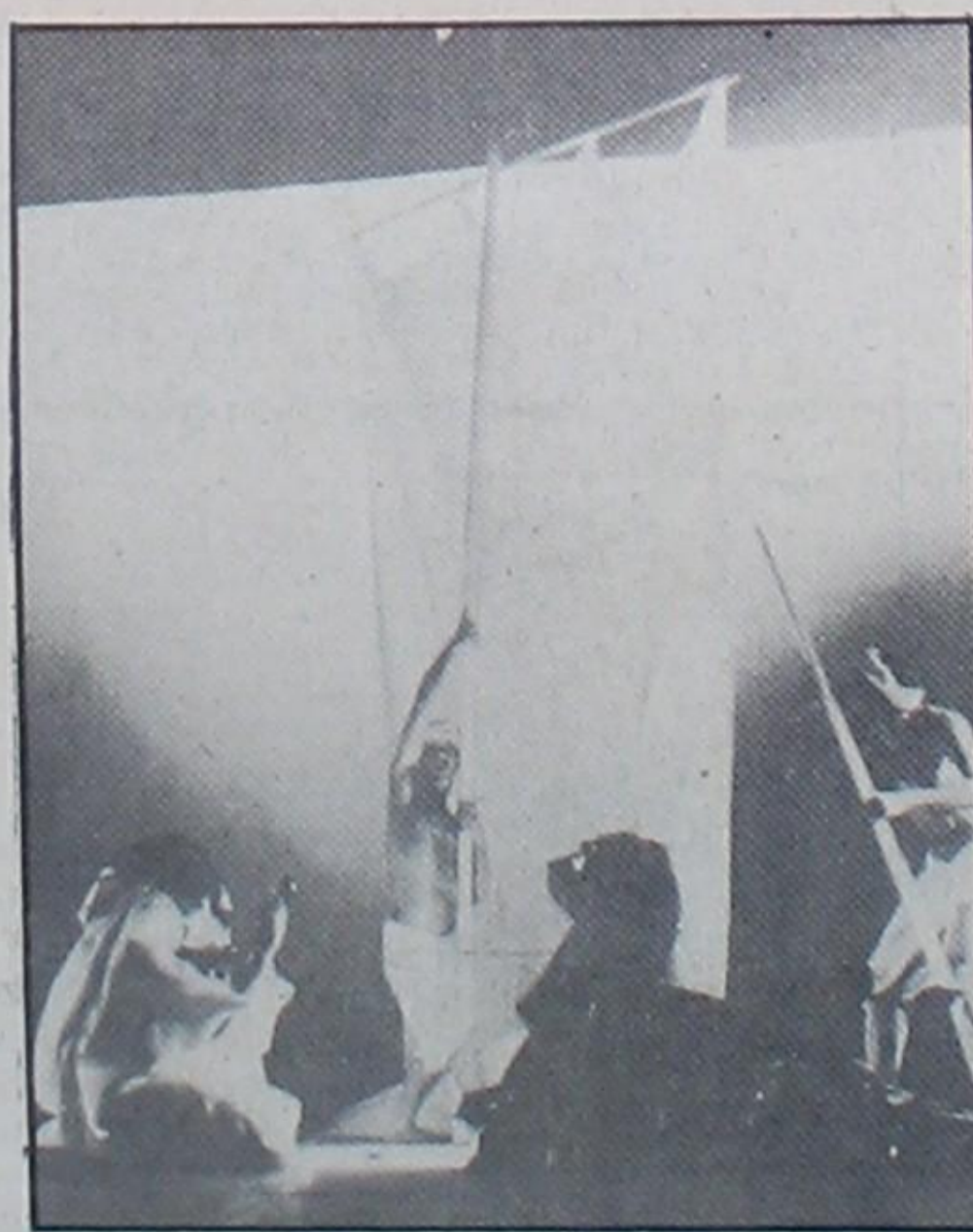
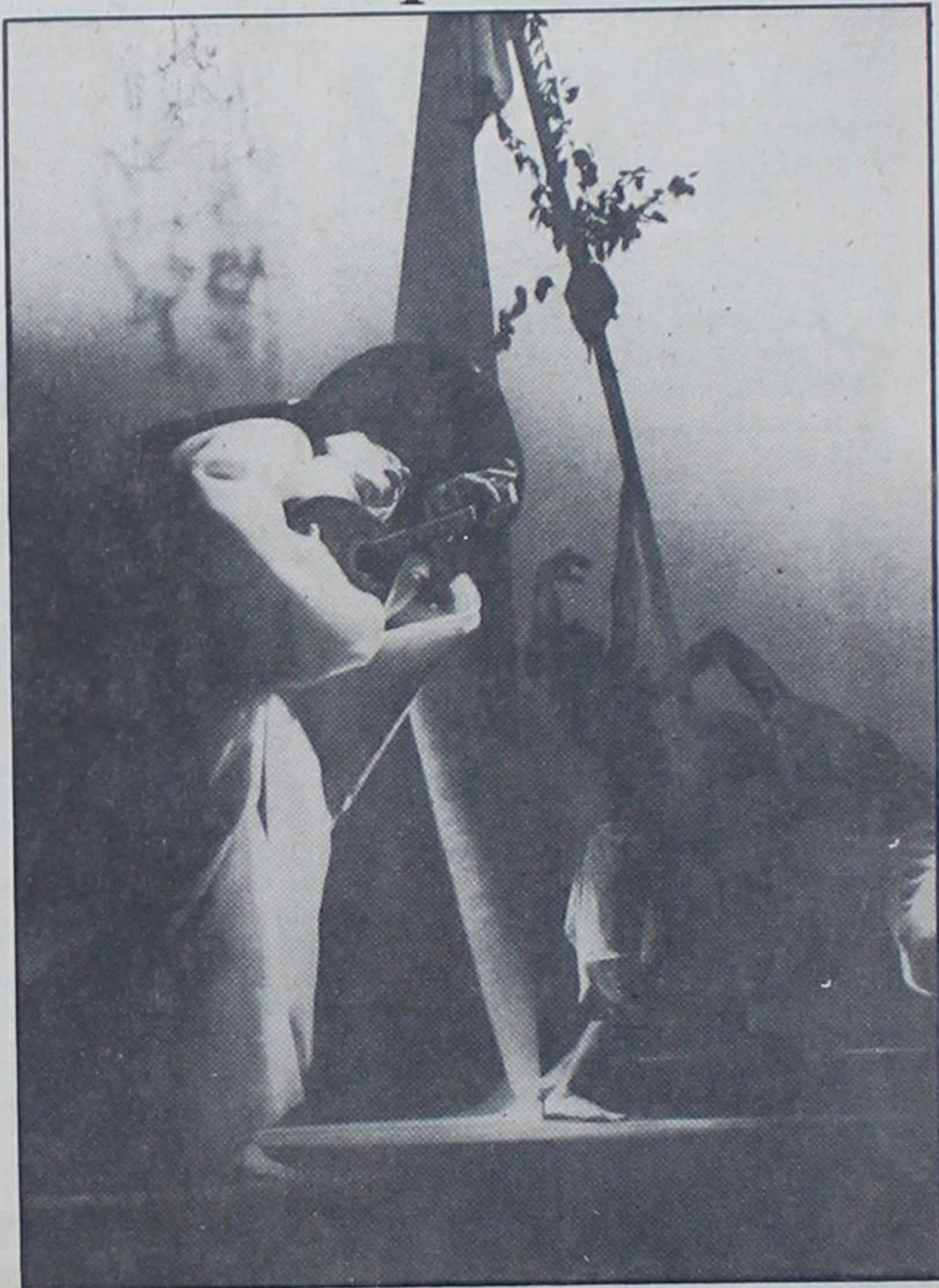
# 'Stultifera Navis', um trabalho contemporâneo

"O trabalho do grupo Opus Tupiniquim, por sua urgência e atualidade, sempre foi confundido com vanguarda. Na verdade, o grupo sempre dispensou as facilidades desses enquadramentos, assim como estética e particularmente lutou contra todas as limitações culturais, informativas e sociais. Poderia ser um radicalismo, em todos os sentidos. No entanto, o grupo — constituído por Magno Godoy, Marcelo Ferreira, Carlos Délio da Silva e Paulo Fernandes — possui uma característica de invenção: é como se de repente a contemporaneidade fosse introduzida no sempre risível mundo teatral e dançarino de Vitória..."

A opinião é de Amylton de Almeida, crítico de A GAZETA e está registrada no programa do espetáculo **Stultifera Navis**, que o Opus Tupiniquim apresenta novamente hoje, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes. Ingresso a Cz\$ 100,00 e Cz\$ 50,00, estudantes. Definido pelo próprio grupo como "dança neo-iaô", a montagem é inspirada na tela **A Nau dos Loucos**, de Hieronymus Bosch, sobre texto de Michel Foucault e poemas de Sebastian Brandt. A direção é de Magno Godoy. Neo-iaôs: Magno Godoy, Marcelo Ferreira, Carlos Délio Silva e Paulo Fernandes. Iluminação de Wlad Castiglioni. Figurinos: Magno Godoy e Javeaux (participação especial). Sonoplastia de Sandra Rosetti. Cenotécnica de Carlos Cândido. Roteiro do espetáculo: Adimirando Kazuo Ohno — **Tocata e Fuga** — J. S. Bach; **Stultifera Navis** — **Poemas do Êxtase** — A. Scriabin, **Gymnopedie** — Eric Satie.

"Essa contemporaneidade continua Amylton de Almeida — pretende discutir através da dança — com toda força e impacto de um espetáculo ao ar livre como nos tempos antigos em que o teatro era uma festa coletiva, a condição humana e da própria geração dos integrantes do grupo (todos na faixa dos 20 anos), condicionada pelos meios visuais a uma alienação inclusive estética. O Opus Tupiniquim investe contra a mediocridade, o mais ou menos, o morno e o passivo com tamanha fúria intelectual que não restará mais nada após a apresentação do espetáculo **Stultifera Navis** (A Nave dos Loucos), que se baseia em teorias discutidas por Michel Foucault, por imagens dos quadros de Hieronymus Bosch e pela própria condição de sufoco em que vivem esses quatro artistas/dançarinos/atores.

Apenas um fio narrativo (tal como na Idade Média, quando os loucos eram colocados em naves e levados para o alto-mar, hoje todo ser que pensa e sente sem coerções é considerado louco, marginal e colocado à parte) para um espetáculo dispensa no cenário o circunstancial, expondo apenas o essencial à imagem que o espectador recebe, em que os movimentos procuram uma arquitetura que não deixa margem ao espectador: ele está dentro do que o artista está vivendo em cena. O sufoco do palco passa a ser, contido, o dele próprio. A contemporaneidade do grupo Opus Tupiniquim exige as informações contidas no trabalho de Kazuo Ohno e mesmo do mais moderno cinema, como o de Jim Jarmursh, em **Stranger Than Paradise**. Nesse filme, os personagens



O espetáculo inspirado na tela **A Nau dos Loucos**, de Hieronymus Bosch, sobre texto de Michel Foucault e poemas de Sebastian Brandt. Magno Godoy, Marcelo Ferreira, Carlos Délio e Paulo Fernandes estão no elenco do espetáculo, no Carlos Gomes

falam uma série de palavras. E nenhuma delas tem sentido, a não ser uma expressão de uma cultura morta. Por trás delas, as pessoas, acuadas, solitárias e perdidas.

É essa diferença que o grupo Opus Tupiniquim traz à cena, como também o faz o cineasta alemão Werner Schoroeter, que dispensa todas as palavras em busca da possibilidade da música que não só ilustra a imagem, como serve inclusive como contraponto ao que o espectador vai receber. E o que ele pode receber — se utilizar toda a sua sensibilidade para apreender a totalidade do que lhe é mostrado, às vezes como choque, mas sempre profundamente belo — é o pensamento em ação, é o pensamento se fazendo e se organizando, contradizendo todas as palavras, à procura não de um sentido para a condição, mas denunciando implicitamente a brutalidade, a gratuidade e o desespero da violência a que

nossa sociedade nos submete.

Não há um discurso, no entanto. O Opus Tupiniquim não tem suas imagens gravadas e documentadas. Tem apenas o instante e a brevidade de um palco. Num espetáculo suficiente para preencher todo o ano teatral capixaba. Até nessa grandeza eles continuam à margem. Como He-Man, eles têm a força. Como todo artista, eles têm o segredo. A ser dividido com quem apesar do nivelamento por baixo da mediocridade local possui, escondido, o prazer e o desejo. O grupo Opus Tupiniquim está informando com a beleza desse espetáculo que a vida é possível. E que, esteticamente, é até uma possibilidade", conclui Amylton.

E mais: O Mecenaz Troupe Teatro apresenta Os Três Caminhos Percorridos por Honórios dos Anjos e dos Diabos hoje, às 18 horas, na Escola Técnica Federal, em Jucutuquara.